

Política Disputas em São Paulo e Belo Horizonte têm caráter nacional

Eleições municipais viram ensaio para 2010

César Felício
De São Paulo

A ausência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva do quadro de candidatos presidenciais e a divisão da oposição tornaram a eleição municipal deste ano um ensaio para 2010, sendo que as disputas em São Paulo e em Belo Horizonte são as de maior caráter nacional.

A eleição paulistana pode colocar em cena uma presidencializável pelo PT, caso vença a ministra do Turismo, Marta Suplicy. O governador paulista José Serra (PSDB) sairia fortalecido com a reeleição de Gilberto Kassab (DEM) por três motivos: será o primeiro governador a vencer uma eleição para prefeito na capital desde 1961; abre espaço para uma ampla aliança em torno do seu nome para a sucessão presidencial, envolvendo o DEM e com possibilidade de atrair o PMDB, já que o ex-governador pemedebista Orestes Quéricia apóia Kassab; e derrota seu rival tucano na política estadual, o ex-governador Geraldo Alckmin.

Um triunfo de Alckmin debilitaria a candidatura presidencial de Serra dentro do PSDB, espaço onde o governador ainda enfrenta a resistência de lideranças fora de São Paulo e a competição com o governador mineiro Aécio Neves.

Em Belo Horizonte, Aécio tenta construir uma plataforma que o permita disputar a eleição presidencial como um candidato que congregue tanto oposicionistas quanto situacionistas. Seu desafio é tentar reunir na mesma coligação o PT e o PSDB, para apoiar o seu secretário estadual de Desenvolvimento, Márcio Lacerda (PSB). Recém-filiado ao partido, Lacerda foi tesoureiro da campanha presidencial do deputado Ciro Gomes em 2002, quando o hoje deputado pelo PSB do Ceará era candidato pelo PPS.

Sua vitória poderá ser amplificada ou não dependendo da aliança que conseguir montar. A dois meses do prazo final de convenções, permanece o impasse

sobre a entrada formal ou não do PT na coligação com o PSB. "A aliança formal teria um efeito poderoso para credenciar Aécio como uma figura que transcende a oposição. Isso perde muita força com uma aliança informal com o petismo", diz o cientista político Rogério Schmitt, analista da empresa de consultoria Tendências, que também minimiza o peso da aliança do PMDB com o DEM de São Paulo. "O PMDB apóia o PT no Rio, o Aécio em Belo Horizonte e o Serra em São Paulo. A única certeza em relação a 2010 portanto é que o PMDB fará parte do próximo governo. A aliança em São Paulo apenas credencia Serra a também disputar este parceiro", afirma Schmitt.

Embora o antagonismo entre Kassab e Alckmin no primeiro turno seja o cenário mais provável, a possibilidade de uma grande aliança DEM/PMDB/PSDB ainda existe. Integrantes da ala serrista do PSDB estudam mobilizar-se para derrotar Alckmin na convenção do partido. Articuladores do PT trabalham com o cenário de que esta manobra pode ser bem-sucedida, dado o apoio dos vereadores tucanos à reeleição de Kassab.

No jogo das alianças paulistas, a adesão de Quéricia à candidatura de Kassab precipitou o lançamento da candidatura de Alckmin e tornou-se um catalisador para outras negociações. A partir da parceria DEM/PMDB, o PR e o PTB aumentaram as exigências para fechar coligações respectivamente com Marta Suplicy (PT) e Alckmin. Querem não só a vice mas coligação na eleição proporcional.

Embora apareça como vencedor no segundo turno nas pesquisas de opinião, Alckmin é tido como o candidato em situação mais frágil do trio que disputa efetivamente em São Paulo, por não ter o apoio efetivo do governo municipal, do estadual e do federal.

A manutenção da candidatura de Alckmin diminui o impacto favorável a Serra que uma eventual vitória de Kassab poderia lhe proporcionar, segundo afirmam analistas ligados ao PSDB e ao DEM. Isso porque o governador paulista poderia ser responsabilizado internamente pela derrota de Alckmin, aumentando suas arestas dentro do partido. O governador

paulista já não conta com o apoio de Aécio, do líder partidário no Senado, Arthur Virgílio (AM) e no episódio da sucessão paulistana esteve em posições opostas a de lideranças como o presidente nacional da sigla, o senador Sérgio Guerra (PE), que apóia Alckmin.

No resto do país, o quadro de alianças manda sinais contraditórios em relação a seus efeitos em 2010. A decisão do PT de lançar candidato próprio em Salvador compromete as chances de reeleição do prefeito João Henrique (PMDB) e podem afastar o ministro do Desenvolvimento Regional, Geddel Vieira Lima, do projeto de aliança entre o PT e o PMDB para a eleição presidencial. Independentemente do desempenho eleitoral, contudo, o apoio do PMDB do governador fluminense Sérgio Cabral Filho ao deputado estadual petista Alessandro Molon consolida a presença do PMDB do Rio na órbita de Lula.

A provável derrota do DEM no Rio deve diminuir a influência do prefeito César Maia dentro da sigla e reforça a tendência de o partido apoiar o PSDB em 2010 para a presidência, se o candidato for Serra.

Caso perca também o comando da prefeitura paulistana, o DEM diminuirá seu cacife na negociação por alianças, ainda que ganhe em capitais do Nordeste. Na hipótese de Aécio ser o candidato presidencial, o DEM tende a ser substituído como parceiro preferencial da aliança pelo bloco governista formado pelo PSB, PC do B e PDT.

A candidatura presidencial de Ciro Gomes dificilmente terá como beneficiar-se na eleição municipal deste ano, dada a fraqueza política e eleitoral do eixo socialista/comunista/trabalhista. Ainda que o PC do B ganhe as eleições em algumas capitais, das quais Porto Alegre é a de maior eleitorado, o partido é o que possui menor estrutura partidária entre os três. No PSB, a vitória de Márcio Lacerda poderá ser a senha para uma futura chapa entre Aécio Neves e Ciro, encabeçada pelo mineiro.

Dentro do PT, as possíveis vitórias em Porto Alegre e Fortaleza, entre outras cidades, devem fortalecer dentro do partido a tendência já majoritária pela candidatura própria em 2010, mas só a vitória de Marta Suplicy daria ao partido uma opção presidencial.

Segundo dirigentes partidários afastados de Marta, sua eleição como prefeita a colocaria como uma opção natural do partido. Mas uma renúncia ao cargo em 2010, entregando a prefeitura para outro partido, enfrentaria resistências dentro da sigla, segundo comentaram dirigentes adversários e aliados da prefeita.

